

---

## TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS DA PESQUISA E DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Letícia de Matos **DIAS**

Pós-graduanda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado de  
Mato Grosso (UNEMAT)

E-mail: leticiageografialeticia@outlook.com

Edevaldo Aparecido **SOUZA**

Doutor em Geografia, Docente titular no curso de Licenciatura em Geografia e Mestrado em  
Geografia da Universidade Estadual de Goiás e da UNEMAT

Histórico do Artigo:

*Recebido*

*Maio de 2021*

*Aceito*

*Junho de 2021*

*Publicado*

*Agosto 2021*

---

---

---

**Resumo:** Este trabalho discorre sobre as manifestações culturais da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT e a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT em tempos de pandemia. O objetivo é compreender sinteticamente algumas mudanças das manifestações culturais, no atual contexto de pandemia global do Covid-19. A Folia de Reis e a Dança do Congo são manifestações culturais que permeiam o processo histórico de formação brasileira, bem como a organização sociocultural do espaço. Assim, a metodologia consiste na observação participante, valorizando a experiência, o sujeito e seus sentimentos, trabalhando inclusive com a subjetividade e informalidade nas formas de interação. Tal proposta metodológica contrasta com o contexto pandêmico da atualidade, trazendo algumas contensões relativas à realização do trabalho de campo, tendo em vista que as práticas culturais se incluem nas novas regras sanitárias. Os resultados obtidos evidenciaram a importância da Folia de Reis e da Dança do Congo em seus respectivos lugares de vivência, como manifestações e um ato de resistência no meio social, em processo de ressignificação, impondo uma constante relação entre memória e rememoração. As mudanças mais drásticas ocorrem na ruptura das representações presenciais, fazendo com que os saberes e práticas se tornem uma memória virtual, por vezes partilhada em redes sociais e streaming. Quando nos referimos de modo específico às práticas culturais deste estudo, notou-se uma constante nostalgia e reorganização dos espaços em torno de uma divindade. Por conseguinte, a

memória, a formação de uma lembrança em relação aos seus grupos de referência é o que permanece, resiste e persiste nos tempos tão incertos.

**Palavras-chave:** Folia de Reis. Dança do Congo. Vila Bela da Santíssima Trindade. São José dos Quatro Marcos. Covid-19.

### **TIMES OF PANDEMICS: CHALLENGES OF RESEARCH AND CULTURAL MANIFESTATIONS**

**Abstract:** This work discusses the cultural manifestations of Folia de Reis in São José dos Quatro Marcos/MT and the Congo Dance in Vila Bela da Santíssima Trindade/MT in times of pandemic. The objective is to synthetically understand some changes in places, in the current context of the Covid-19 global pandemic. The Folia de Reis and the Dance of Congo are cultural manifestations that permeate the historical process of Brazilian formation, as well as the sociocultural organization of the space. Thus, the methodology consists of participant observation, valuing the experience, the subject and their feelings, including working with subjectivity and informality in the forms of interaction. This methodological proposal contrasts with the current pandemic context, bringing some contentions regarding the performance of fieldwork, considering that cultural practices are included in the new sanitary rules. The results obtained evidenced the importance of Folia de Reis and the Dance of Congo in their respective places of experience, as manifestations and an act of resistance in the social environment, in a process of resignification, imposing a constant relationship between memory and recollection. The clearest changes are visible in the rupture of face-to-face representations, making knowledge and practices become a virtual memory, sometimes shared by social networks and streaming. When referring specifically to the cultural practices of this study, a constant nostalgia and reorganization of spaces around a deity was noted. Therefore, remembrance, memory, the formation of a remembrance in relation to its reference groups is what remains, resists and persists in these uncertain times.

**Keywords:** Folia de Reis. Dance of the Congo. Vila Bela da Santíssima Trindade. São José dos Quatro Marcos. Covid-19.

### **TIEMPOS DE PANDEMIAS: DESAFÍOS DE LA INVESTIGACIÓN Y MANIFESTACIONES CULTURALES**

**Resumen:** Este trabajo analiza las manifestaciones culturales de Folia de Reis en São José dos Quatro Marcos / MT y la Danza del Congo en Vila Bela da Santíssima Trindade / MT en tiempos de pandemia. El objetivo es comprender sintéticamente algunos cambios en los lugares, en el contexto actual de la pandemia global Covid-19. La Folia de Reis y la Danza del Congo son manifestaciones culturales que impregnan el proceso histórico de la formación brasileña, así como la organización sociocultural del espacio. Así, la metodología consiste en la observación participante, valorando la experiencia, el sujeto y sus sentimientos, incluyendo trabajar con la subjetividad y la informalidad en las formas de interacción. Esta propuesta metodológica contrasta con el contexto pandémico actual, trayendo algunas disputas sobre el desempeño del trabajo de campo, considerando que las prácticas culturales están incluidas en la nueva normativa sanitaria. Los resultados obtenidos evidenciaron la importancia de la Folia de Reis y la Danza del Congo en sus respectivos lugares de experiencia, como manifestaciones y acto de resistencia en el ámbito social, en un proceso de resignificación, imponiendo una relación constante entre memoria y recuerdo. Los cambios más claros son visibles en la ruptura de las representaciones cara a cara, haciendo que el conocimiento y las

práticas se convertan en una memoria virtual, a veces compartida por las redes sociales y el streaming. Al referirse específicamente a las prácticas culturales de este estudio, se notó una constante nostalgia y reorganización de espacios alrededor de una deidad. Por eso, el recuerdo, la memoria, la formación de un recuerdo en relación a sus grupos de referencia es lo que permanece, resiste y persiste en estos tiempos inciertos.

**Palavras-chave:** Juerga de Reyes. Danza del Congo. Vila Bela da Santíssima Trindade. São José dos Quatro Marcos. COVID-19.

## INTRODUÇÃO

A perspectiva de análise deste trabalho visa abordar o contexto pandêmico e suas subsequentes transformações nos modos de vida e representações culturais em nossa sociedade, com destaque para as manifestações culturais de cunho religioso. Desse modo, adianta-se que este texto é parte constituinte da dissertação intitulada “Práticas culturais e identidades coletivas na Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT e na Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso”.

O objetivo do presente trabalho é compreender sinteticamente algumas mudanças nos lugares estudados durante esta pesquisa, no atual contexto de pandemia global de Covid-19. Desse modo expõem-se relatos dos sujeitos das práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo, a partir das práticas e percepções que contribuem para a reflexão e, por vezes, a problematização da realidade.

Chauí (1993) afirma que a religiosidade é uma manifestação popular, entendida como forma de resistência das comunidades envolvidas, que encontram um sentido para a vida e o lugar a partir das vivências, experiências, consciências, intencionalidades, subjetividades do fenômeno em suspensão.

Esta importância é veemente notória na Folia de Reis e na Dança do Congo, no tocante aos seus contextos históricos. Tais práticas culturais advém de processos colonizadores, migratórios e escravagistas, que culminaram na formação de comunidades híbridas em suas mais variadas etnias. Essa multiplicidade de experiências e vivências perfaz a construção de comunidades de resistência, perante ao sistema capitalista europeu dominante.

A pesquisa é pautada pelo método participativo, onde a experiência, sentimento e vivência dos sujeitos tornam-se fatores essenciais para a compreensão da realidade abordada. Isto pressupõe trabalhar com o subjetivo e informalidade na captação de informações, de acordo com o envolvimento do pesquisador com os sujeitos e a formação de vínculos. Vale ressaltar que as entrevistas deste trabalho foram realizadas de forma remota, via *WhatsApp* e telefone, obedecendo assim as normas de isolamento social do momento.

Assim feito, reitera-se que a espacialidade e dinâmica das práticas religiosas da Folia de Reis, se apresentam de forma simbólica conectando espaços culturais, vivências e experiências por meio da subjetividade. Isto perfaz uma identidade cultural coletiva, uma vez que as práticas são modeladas em uma escala espaço-temporal, com a inserção e/ou renovação de paradigmas científicos e populares.

As práticas culturais explanadas neste trabalho remontam à origem e influências indígenas, africanas e europeias, cujas respectivas culturas se fundem no cristianismo, em um processo de hibridização cultural desde a época da colonização brasileira.

No atual contexto pandêmico, a memória é o esteio de manutenção e ressignificação destas práticas culturais, fazendo com que o sentimento de pertencimento e identidade coletiva prevaleça, mesmo sem a realização de festas religiosas. A Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos e a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade são objetos deste estudo, com destaque para as nostalgias e rememoração dos sujeitos destas práticas culturais no período de pandemia declarado mundialmente pela Organização Mundial de Saúde, no ano 2020.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA**

A pesquisa teve por base, o método de pesquisa participativo, que, conforme Alles Bello (2006), valoriza a vivência e a experiência, o homem e seus sentimentos. Essa opção de método nos remete as manifestações dos fenômenos como parte integrante da consciência e do resultado de uma interrogação, tendo como preocupação maior a descrição do fenômeno, sem se ater às relações causais, porém não desconsiderando o fenômeno do meio inserido e o lugar de ocorrência.

Chizzotti (1995) argumenta que a metodologia da pesquisa participativa envolve o sujeito-pesquisador como parte integrante do conhecimento, interpretando e dando significado aos fenômenos observados, partindo do pressuposto que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Tal proposição metodológica nos remete a trabalhar com o subjetivo, valorizar a informalidade no modo de recebimento das informações, as casualidades e interação contínua no projetar-se do estudo. Esta informalidade na captação das informações ficou explícita durante a realização das atividades de campo com as práticas culturais estudadas neste trabalho, tendo em vista que grande parte dos sujeitos envolvidos nestas realidades tem modos peculiares e espontâneos de se expressar, conforme o momento e a formação de vínculos.

A informalidade na captação e na percepção de informações dá-se em rodas de conversas, sem a necessidade de roteiro previamente definido, com formulários semiestruturados. Estes diálogos compõem parte importante da vivência entre sujeito-pesquisador, na criação de vínculos sociais, troca de conhecimentos e saberes.

Ao trabalhar com a formação de vínculos, informalidade na captação de informações, casualidades, em especial neste trabalho, remetemo-nos a um longo processo de socialização iniciado há anos. As interações sociais possuem caráter mais sociológico e as vezes informais e foram a base para o contato primeiro, tanto com a Folia de Reis, como com a Dança do Congo.

O caráter sociológico se faz presente, destacando a visão antropológica, como princípio de alteridade e empatia, visando entender a funcionalidade, a estrutura e a organicidade dos grupos sociais.

Entretanto, desde que foi decretada mundialmente a pandemia do Covid-19, no início do ano 2020, as restrições sanitárias foram rígidas e necessárias quanto às aglomerações, devido ao alto risco de dispersão do vírus, por se tratar de uma doença respiratória, altamente contagiosa e em casos mais graves, mortal.

Essa situação limitou parte da observação participante que iria se realizar com os grupos já citados anteriormente. Realizou-se parte da pesquisa empírica em 2019, durante os festejos e, em 2020 a continuidade desta etapa foi interrompida. Por decorrência desta primeira etapa realizada em 2019, é que temos os dados possíveis para a realização deste trabalho, ainda que parcialmente, em termos metodológicos.

Diante dessa situação, houve reorganização das normas sociais vigentes, por meios de decretos municipais, estaduais e federais, visando a saúde coletiva. Ocorreram concomitantemente a esta realidade, algumas adaptações ao mundo religioso e cultural, como as missas e rezas transmitidas por canais de internet.

Por ocasião do isolamento social e medidas sanitárias, as entrevistas foram realizadas por gravações de voz via *WhatsApp*. A escolha do aceite e do contato foi optativo para todos os entrevistados, com pouca aderência em participação. Desse modo, nove pessoas entre lideranças e dançantes dessas práticas culturais, que possuem equipamentos adequados e se dispuseram a participar da pesquisa foram contactadas por *WhatsApp* e telefone para responderem as questões.

## **A ORIGEM E O SENTIDO RELIGIOSO DA FOLIA DE REIS E DA DANÇA DO CONGO**

O estudo insere-se no âmbito da Geografia Cultural, tendo em vista que as manifestações culturais religiosas apresentam aspectos fundamentais do indivíduo como ser social, como consciência, crenças, ideias, ordem moral e valores. Tais aspectos constituem um arco de unidade identitária entre os seres das determinadas comunidades e seus respectivos grupos religiosos.

Claval (2001) nos traz esse suporte ao afirmar que, na atualidade a Geografia se debruça sobre estudos étnico-culturais de formação mítica cultural, que favorecem o enraizamento de identidades coletivas, sobretudo para buscar a gênese da formação e organização espacial.

No tocante às manifestações, é de grande importância ressaltar que tais religiosidades tiveram sua difusão no Brasil colônia, que segundo Silva (2005) teve influências indígenas, africanas e europeias, formando o sincretismo religioso com diálogo e adaptações conforme as necessidades e vivências dos povos numa escala espaço-temporal.

Grando (2005), respalda essa afirmação ao constatar que a dramatização da dança presente na Folia de Reis e na Dança do Congo, assim como os elementos e ritos simbólicos da identidade cultural, se fundiram no cristianismo, formando uma mescla de influências euro-africanas e indígenas.

Para Loureiro (2006), inicialmente a Folia de Reis em Portugal tinha caráter puramente de diversão por volta do século XVII, passando a ter caráter religioso e político a partir do século XVIII em terras brasileiras. Em consonância, Vieira (1998) destaca o sentido político eurocêntrico na aplicação desta prática religiosa em contexto colonial, tendo como molde a cristandade portuguesa, em detrimento de “gentes estranhas e remotas, aonde Deus entre todas as nações escolheu a nossa para levar o seu santíssimo nome” (VIEIRA, 1998. p. 6-9).

A cosmologia da Folia de Reis engendradora então, desde o processo de colonização, e gira em torno da encenação das viagens dos três Reis Magos vindos do Oriente para saudar o Menino Jesus nascido em Belém, representados na figura 1 pela Companhia de Reis do Barreirão em São José dos Quatro Marcos/MT.

Vieira (1998) afirma também que a Folia de Reis permanece com forte identidade cultural, fixada pela fusão dos elementos, das práticas e dos ritos trazidos pelos europeus, os

quais foram hibridizados com as crenças indígenas e africanas durante o processo de formação e organização sociocultural.

Figura 1 – Companhia de Reis do Barreirão em São José dos Quatro Marcos/MT.



Fonte: Os autores (2019).

Quanto à Dança do Congo, pode-se afirmar que é uma das manifestações culturais mais importantes e antigas do Estado de Mato Grosso, constituindo-se em ato devocional a São Benedito, conforme ilustrado na figura 2, com algumas influências regionais conforme o lugar de apresentação e representação mítica (LOUREIRO, 2006). Segundo o autor, em Vila Bela da Santíssima Trindade, a dança compreende a luta entre dois reinados africanos: reinado do Congo e reinando Monarca.

Figura 2 – Ato devocional a São Benedito.



Fonte: Os autores (2020).

As representações culturais presentes nesta dança são o Rei, o Secretário de Guerra e o Príncipe, no reinado do Congo; o Embaixador do Rei e doze pares de soldados entre os quais estão os músicos tocadores de ganzá, viola caipira, cavaquinho, chocalho e bumbo, pertencentes ao reinado de Bamba (LOUREIRO, 2006).

Nesta mesma analogia sobre a gênese da Dança do Congo em nosso país, e por conseguinte em Vila Bela da Santíssima Trindade, Rabaçal (1976) salienta que as congadas são de origem afro-brasileiras e se destacam por suas tradições e costumes históricos de povos vindos da Angola e do Congo, na África, com traços culturais de bantos, do catolicismo eclético, mouros e cristãos.

A Dança do Congo se insere nesse âmbito, pois trata-se de uma manifestação cultural conhecida pela sua negritude que, segundo Cruz (2012), é uma forma de valorização e resistência, destacando a capacidade de resiliência em persistir em território conflituoso durante o período colonial, conforme expressam alguns entrevistados:

A gente sempre deu preferência para o povo negro, é uma festa do negro mesmo. Vem da linhagem, afrodescendente, a gente passa por duras críticas quando se coloca algum filho de negro que não tenha a pele escura, mas depois se acalmam” (Informação Verbal/Dançante Daniel Geraldês).

meu pai dançou, ele passou para meu irmão, meu irmão não teve como dançar porque foi Juiz da Festa, ele passou pra mim como irmão, mas não impede de um dançante passar a espada para outro que não seja da família, mas de linhagem afrodescendente” (Informação Verbal/ Dançante Daniel Geraldês).

Loureiro (2006) afirma que as primeiras festas de São Benedito, onde acontece a Dança do Congo, era exclusiva de participação negra, e essa resistência e força ainda persiste, conforme afirma o entrevistado ao designar no negro, o espírito de continuidade e ancestralidade, irmandade e valorização cultural de um povo histórico que em muito contribuiu para a construção sociocultural do Brasil de modo geral, desde a época da colonização.

Representa uma grande manifestação cultural que herdamos de nossos ancestrais, de um povo que passou por aqui e temos que dar continuidade e não podemos deixar de modo algum. Eu vejo que essa Festa só acaba quando morrer o último negro de Vila Bela! Porque as crianças que vem vindo por aí, vem tudo com esse espírito de Irmandade, cultural. Pode enfraquecer um pouco, mas não vamos deixar a bandeira cair. (Informação Verbal/ Rei do Congo Juarez Geraldês).

O lugar como espaço vivido, segundo relato dos próprios moradores vilabelenses, foi construído por mãos negras, que por séculos tiveram suas culturas e tradições interpeladas, em situações desumanas. Contudo, essa estruturação dos tempos, também foi marco de lutas e

resistências culturais, de modo que sempre houve resistência às intempéries e dominações das elites desde o período colonial, e hoje resiste frente a homogeneização e revolução técnico-científica informacional que tende a massificar as culturas elitistas em detrimento das tradições populares.

## **A MEMÓRIA COMO MANUTENÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DAS FESTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Partimos do pressuposto que, com a atual situação pandêmica, as representações culturais foram remodeladas, quanto à sua prática costumeira e inicial. Desse modo, as memórias, o sentimento de pertença e identidade coletiva, prevaleceram neste período de forma intrínseca, dando caráter rememorativo.

Para Halbwachs (1990) o indivíduo que lembra, que tem memória está sempre inserido e habitado pelos seus grupos de referência, onde já mantiveram relações de contato e estabeleceram comunidade de pensamentos. Este grupo está presente no indivíduo, independente da presença física, mas pela própria capacidade do sujeito em agir, pensar e se comportar de acordo com as predeterminações do grupo.

Esta característica permanece como uma ressignificância nas práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo desde o início de 2020, tendo em vista que as festas que ocorriam nos lugares, anos seguidos, foram interrompidas subitamente. Permanece então, a relutância da memória e lembrança dos constituintes do abstrato e subjetivo, objetivando a formação de uma lembrança viva, sempre com os grupos de referência.

O conceito de memória individual discutido por Halbwachs (1990) é bastante pertinente nesta realidade. Nesse contexto pandêmico e de cancelamento das festas religiosas, os sujeitos praticantes da Folia de Reis e da Dança do Congo têm na sua memória individual, um ponto de convergência das influências, formando um mosaico de lembranças e nostalgias compartilhadas que, segundo Halbwachs (1990) é um fator constituinte da memória coletiva.

Tendo a memória coletiva formada, então, tem-se a capacidade de harmonizar imagens, práticas culturais, rezas, cantos, danças, socializações e toda a universalidade simbólica da Folia de Reis e da Dança do Congo, de acordo com as necessidades do presente. Isso foi muito mencionado pelos sujeitos quando questionados sobre como se sentiram durante o período da realização das Festas e a lembrança das suas respectivas práticas.

Dentro dessa ótica, o passado está em constante ressignificância, quando questionados sobre a ruptura das apresentações culturais no contexto da pandemia do Covid-19:

Temos que respeitar e cuidar primeiramente da saúde de nossos foliões, congadeiros e toda comunidade. Foi muito difícil muito complicado é uma tradição que tenho desde dos 4 anos e ficar sem fazer foi uma enorme tristeza. Hoje não podemos prever nada só podemos pedir a Deus que ilumine esses cientistas para ter a cura o mais rápido possível. (Informação Verbal/ Embaixador de folia de Reis e capitão de congado Wellington Borges).

Foi com sentimento de tristeza, mas também de compreensão a não apresentação da Dança de Congo em 2020, pois atravessamos uma Pandemia que nos obrigou a evitar aglomerações. (Informação Verbal/ Dançante Daniel Geraldês).

Ano passado não realizamos por causa dessa pandemia, mas é uma situação muito difícil, e a gente não podia deixar de fazer isso. Foi muito preocupante, então resolvemos não fazer. Mas espero que passe isso, e voltemos a apresentar a nossa Dança do Congo, porque já vai ser dois anos que se passaram e ainda está aumentando a pandemia. Então é muito triste e difícil pra mim não teve nenhuma situação emocional ou físico, foi tudo tranquilo, agora em questão de financeiro, a gente teve um gasto, porque passamos por várias situações, com médico e exames, mas nada além disso. (Informação Verbal/Dançante Jean Carlos)

Foi para um bem maior, nos recuamos para proteger os nossos foliões e pessoas queridas, mesmo contra vontade. Não tivemos prejuízo financeiro, mas emocional foi muito grande. Muitos anos estamos nesta batalha, nesta carreira e nunca aconteceu isso, e esse final de ano passamos por tudo isso aí. Então o nosso emocional ficou bastante abalado, a tristeza foi grande. A gente continua sentido na pele né, tudo o que está acontecendo, mas como a gente é cristão e religioso, e temos fé, a gente acredita também que isso tem um propósito maior do que tudo que a gente imagina. (Informação Verbal/Folião Embaixador de folia de Reis Silvano de Freitas).

Para o Presidente da Associação da Dança do Congo, Cleoney Geraldês de Paula:

Foi uma perda muito grande para a população, uma dança dessa que já vem há séculos sendo apresentada, sendo manifestada culturalmente, e por questão da Covid-19 não pôde ser feita em 2020, e talvez posteriormente, nem em 2021. Então foi uma perda muito grande pra cultura mato-grossense [...] Prejuízo financeiro eu creio que sim para algumas pessoas né, na área de logística, que chega essa época da Festa a cidade recebe muito turista, tem uma movimentação muito grande, então os turistas vêm, vem conhecer a cidade, e isso a economia também aumenta. Então temos muitos lojistas, donos de bares e restaurantes com prejuízos sim. O emocional, sem dúvidas né, principalmente pra nós que temos uma crença, uma tradição muito forte, então isso deu um impacto na vida de todos nós. (Informação Verbal/Dançante Cleoney Geraldês (Presidente da Associação da Dança do Congo).

Quanto aos prejuízos, citados pelo Presidente da Associação da Dança do Congo, outro dançante fala em consonância:

Na questão financeira, muitas pessoas deslocam até o município de Vila Bela para prestigiar a Dança do Congo e com isso movimenta-se o turismo e o comércio local, por este motivo entendo que houve sim prejuízo financeiro. Já na questão emocional, a apresentação envolve religião, tradição e manifestação cultural, do nosso povo, sendo assim, o fato de não poder apresentar Dança do Congo, juntamente com a pandemia ocasionou prejuízo emocional às pessoas que apreciam a manifestação cultural no município. (Informação Verbal/Dançante Daniel Geraldês).

Para o Embaixador de Folia de Reis, Arnaldo de Aguiar:

Não tivemos prejuízo. Vamos levar da melhor maneira possível. O único prejuízo foi ficar longe dos meus amigos né. Pra mim foi a pior coisa que teve, mas um dia vamos nos encontrar. Eu acho que tudo tem uma hora certa, uma hora Deus abençoa e nossa cultura vai continuar da mesma maneira. (Informação Verbal/Folião Embaixador de folia de Reis Arnaldo de Aguiar).

Ainda segundo o Embaixador:

O importante é que estamos todos com saúde, feliz e mesmo não encontrando os meus companheiros, eu ligo pra eles e eles falam que tá tudo bem, e a cultura não vai acabar né, se Deus quiser a gente vai continuar. (Informação Verbal/Folião Embaixador de folia de Reis Arnaldo de Aguiar).

Nessas duas últimas falas, fica explícita a formação de lembrança individual, baseada na formação de uma comunidade afetiva, citada por Halbwachs (2013), ao afirmar que para que haja uma lembrança, é primordial a existência de um convívio social, onde os indivíduos estabelecem relações sociais com outras pessoas, ou outros grupos. Desse modo a lembrança sentida pelo sujeito nesta realidade, faz parte de um todo maior, que é a constituição da memória coletiva do grupo onde outrora foi inserido e influenciado por eles.

Temos aqui a memória individual e a coletiva, sendo a coletiva formada pelas vivências durante as práticas culturais, e esta por sua vez, se fragmenta em memórias individuais, com nostalgias, pertença e rememoração.

Para nós foliões, coordenadores de grupos de folias, e organizadores de festas de folias, a ausência de nossa festividade é algo similar aquele almoço familiar que toda a vida você realiza, que você muda todos os compromissos para estar nesse evento, e por uma "fatalidade" você não consegue ir. Por um ano, é aceitável, mas por dois anos como vai ocorrer nesse ano, é algo que foge da realidade. Para nós que contamos as horas para estar em "giro" atrás de uma bandeira, em comunhão com os devotos, amigos e familiares. É o sentimento de que perdeu algo muito importante, e que não será reparado, será diferente daqui pra frente [...] prejuízo emocional, eu tenho visto em especial nos mais velhos, pois tem uma história vivida nelas, milagres recebidos e testemunhados. A fé independe da existência da folia, mas a propagação da fé ali, vivenciado, é um "esteio", e esperança em dias melhores. (Informação Verbal/Folião Fernando *in memoriam*).

Nessa descrição do Folião, ao comparar a prática cultural como um evento familiar tradicional e, com a ruptura do acontecimento, ocorre uma "fatalidade". Destacamos outro ponto essencial para Maurice Halbwachs, quanto à formação da memória coletiva e a individual. Para Halbwachs (2013), esse tipo de memória se apresenta de forma muito mais vinculada ao espaço vivido, do que a uma mera leitura do que seria esta realidade.

As lembranças dos últimos anos são, para os sujeitos da Dança do Congo e da Folia de Reis, um artifício de reconstrução dos fatos passados, de acordo com as necessidades do momento.

Sabemos que as necessidades do momento, são de ressignificação, impondo uma relação entre passado e presente, pois segundo relato do próprio folião Fernando, “a fé independe da existência da folia, mas a propagação da fé ali, vivenciado, é um “esteio”.

Ainda sobre esta situação, relata o Secretário de Guerra, sobre a situação da Dança do Congo nesta nova realidade:

foi uma grande surpresa para nós vilabelenses de não ter acontecido a Dança do Congo em 2020, uma dança centenária, que vem desde 1835 e nunca deixou de acontecer. Foi uma tristeza muito grande pra nós vilabelenses, pra nós participantes, e até mesmo para os participantes que num contexto geral ficou se alimentando de lembranças, devido à não realização da Dança, devido à pandemia [...] Não tivemos prejuízo financeiro porque a nossa festa é realizada com projetos pelos órgãos públicos custeados pelo governo do Estado, mas houve um prejuízo emocional em todos nós, até porque nunca deixou de acontecer, e agora aconteceu isso [...] sempre quando chega o mês de julho quando é realizada a festa, já tem aquela expectativa de Vila Bela enche de visitantes para nos prestigiar [...] Hoje eu me sinto clamando, pedindo a Deus que essa pandemia se acabe, fica em oração, na expectativa que essa vacina saia e que venha logo e que todos nós fiquemos imunizados. E em relação à não realizar a Festa devido a aglomeração, eu acho viável isso, estou de acordo, porque a nossa vida está em primeiro lugar, e pra nós ter a apresentação do Congo, não tem como não aglomerar, porque somos 24 soldados, e mais Rei, Secretário, Príncipe e Embaixador tornando 28 pessoas. Então só a gente já dá um grupo muito grande, então ficamos na expectativa de que acabe a pandemia e que o Congo e nossa Festa volte a apresentar. (Informação Verbal/Secretário de Guerra Odair Ramos)

O que se nota nas realidades vividas diante do ano 2020 e início de 2021, é uma ressignificação das práticas, que mantém a sua essência, porém readequando-se ao conceito de lugar como uma forma inconsciente, coletiva e imaginária. Essas mudanças se passaram na redução das apresentações, nos rituais que permanecem apenas na memória, e por vezes são compartilhados por algumas redes sociais e serviços de *streaming*.

Retornemos então ao conceito de Pereira e Teixeira (2015), ao aderir algumas terminologias para referir ao lugar, e entre elas, o “lugar ideal-indireto”.

Essa concepção de lugar ideal-indireto está em consonância com a realidade pandêmica, não só das festas religiosas, mas de muitas outras realidades sociais. Porém, aqui nos atemos ao “lugar ideal-indireto” quando os foliões e dançantes utilizam de suas memórias e lembranças, para idealizar realidade virtual em suas consciências.

Ao criar estas realidades virtuais, seja ela por idealização, conversas à distância, ligações ou mensagens via telefone e outras redes sociais, nos deparamos com outra terminologia de Pereira e Teixeira (2015), o “lugar visual-virtual”. Essa forma de visualizar o lugar concede aos sujeitos um sentimento de pertença, mesmo sem o contato físico ou as relações sociais.

Logicamente, essas duas terminologias de lugar, estão embasadas pelo “lugar íntimo-afetivo”, que se constitui na perpetuação das afeições, nostalgias, sentimentos entre os sujeitos do grupo da Folia de Reis e da Dança do Congo, agindo como forma de reconhecimento por toda a trajetória já vivida pelos integrantes.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (POLLAK,1989). Diante disso, os entrevistados afirmam que:

Eu acredito que muita coisa mudou e muita coisa vai mudar, devido à pandemia que é um fato que nunca aconteceu pra nós, de parar uma Folia de Reis, não sair, não fazer uma festa, é uma novidade pra gente. Então temos que criar uma expectativa diferente para o nosso futuro, vamos ter que fazer algum tipo de estratégia pra ver se adapta a esse novo mundo que tá vindo aí, totalmente diferente do que a gente tava acostumado. E a gente como é de fé, tem esperança de um mundo melhor, continuar devoto, na expectativa de fazer nossas festas, não sabemos como vai ser ainda, mas temos no fundo da alma que estas festas ainda vão acontecer e a gente não vai desistir nunca. (Informação Verbal/Folião Embaixador de folia de Reis Silvano de Freitas)

Diante dessa situação, pra mim está muito bom não ter por causa da pandemia, porque está muito agravante, e isso pode levar a muita situação triste para a população vilabelense. Então o que falo é pro pessoal esperar, ficar em casa né, evitar de ficar se aglomerando [...] a minha expectativa eu tô muito ansioso porque já faço parte, então quero o mais rápido possível, mas por causa dessa pandemia estamos tendo essa dificuldade, mas espero que volte logo, mas provavelmente por essa situação que estamos passando, vai ser mais um ano que vai se passar sem as apresentações culturais, devido a pandemia. (Informação Verbal/Dançante Jean Carlos).

Apesar da situação, acredito que ainda temos uma expectativa muito boa em Quatro Marcos, pois o prefeito (se referindo ao poder público) apoia muito, então vamos conseguir superar isso sim. (Informação Verbal/Folião Embaixador de folia de Reis Arnaldo de Aguiar)

A gente tem que seguir tudo as normas né, isolamento e distanciamento, esses impactos a gente vai sentir, já senti desde o começo da pandemia. E a cultura mato-grossense e de Vila Bela também não vai ficar sem sentir né, é uma coisa que deixa o ser humano impotente aí, sem poder agir, sem poder fazer muita coisa. Tenho esperança em Deus que isso acaba pra voltar tudo ao normal [...] A minha expectativa é que tudo acabe e que a gente possa manter os nossos componentes da dança, dos nossos familiares, e num futuro mais próximo a gente possa estar se reunindo e comemorando a nossa Festança e a nossa cultura mato-grossense. (Informação Verbal/Dançante Cleoney Geraldês (Presidente da Associação da Dança do Congo).

Além do que estamos vivendo, hoje encontramos dificuldade de se manter viva essa cultura e devoção. Já enfrentávamos alguma dificuldade até mesmo onde não há incentivos culturais nas escolas, ou projetos para dar sequência nessa cultura tão concretizada na vida do "sertanejo". A folia ainda hoje mexe muito com o imaginário das pessoas, a figura dos bastiões, as cantorias ritmadas, bem versadas, mas eu acredito que se nada for feito, se nenhum projeto vier a manter vivo nossas culturas, a sobrevivência dela pode acabar com a próxima geração. (Informação Verbal/ Folião Fernando *in memoriam*).

A realidade é que a humanidade está atravessando um momento crítico, onde uma doença infecciosa causada por um coronavírus recém descoberto vem mudando o cotidiano, o estilo de vida das pessoas e com as representações culturais tiveram que dar uma pausa para evitar aglomeração e assim diminuir a velocidade de infecção[...] A minha expectativa é que num futuro breve o mundo consiga vencer essa batalha imunizando as pessoas contra o coronavírus, pois somente dessa forma poderemos voltar a nossa vida normal e consequentemente a apresentar da Dança do Congo. (Informação Verbal/Dançante Daniel Gerales)

Nós vilabelenses, participantes da maior cultura do Estado de Mato Grosso que é a Festa de Vila Bela, onde na qual tem a apresentação da Dança do Congo, a gente fica com uma expectativa muito grande que quando voltar a apresentação, que não abale o carisma de cada integrante, que continue apresentando essa dança como muito amor, carinho e orgulho de ser vilabelense. A gente fica pensando nos dias melhores que podem vir pela frente. Nós vínhamos com o propósito de fazer uma apresentação virtual, mas não foi aprovada porque não tem como fazer uma apresentação virtual sem a nossa aglomeração. (Informação Verbal/Secretário de Guerra Odair Ramos).

Ao citar a apresentação virtual como opção para as práticas culturais do Congo, o Secretário de Guerra, admite a impossibilidade devido à aglomeração do próprio grupo que já é numeroso por si só, fato este que se agravaria ainda mais com os demais que fossem necessário para a filmagem de um grupo numeroso.

É verdade que, pode ocorrer alguns questionamentos sobre o porquê de não realizar as práticas culturais apenas com parte do grupo. Essa estratégia daria certo com o grupo de Folia de Reis por exemplo, tendo em vista que se pode fazer uma apresentação um tanto satisfatória, sem perder a essência, com apenas três ou quatro pessoas, que durante os giros fazem o papel de revezamento para evitar o cansaço, por serem apenas uns poucos. Essa estratégia não é possível com a Dança do Congo, tendo em vista que cada soldado dançante do grupo tem papel primordial e por vezes, insubstituível, na hora da apresentação e encenação da luta dos reinados, conforme retratado na figura 3.

Figura 3 – Representação dos soldados dançantes do Congo durante a apresentação.



Assim, nota-se uma ruptura no modo de vida dos sujeitos, principalmente nos dias em que se realizavam as festas. A nova realidade, imposta a todos de forma global, inclui as práticas culturais e isto trouxe algumas consequências, entre elas o reavivamento das memórias, onde as lembranças ganham vida.

Em nossa sociedade globalizada e, robotizada em nossas ações, as festas vinculadas às práticas culturais agem no lugar e nos sujeitos como fator de dupla função: primeiro para salvaguardar a ancestralidade e o processo formativo de sua história. Além disso, articula uma convivência, onde o dia-a-dia costumeiro é suprimido e um novo dia é construído, onde o tempo é inventado, o imaterial, o incomensurável se fazem presentes, e as emoções mais profundas são expostas.

Todavia, essa apropriação dos lugares, seja ele o lugar da festa (de Reis e do Congo), ou o lugar mais amplo quando nos referimos aos municípios que a Folia de Reis percorre em seus giros, não atinge mais a mesma espacialidade de outrora. A espacialidade toma então uma dinâmica mais subjetiva e reclusa às memórias dos sujeitos praticantes, dos devotos, ou dos simpatizantes.

Sobre as mudanças e ressignificações nas práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo, podemos perceber a predominância da memória individual e coletiva como mecanismo de recordação e processo de rememoração.

Quando se trata de perspectivas em meio ao caos aparente na nova realidade imposta pelas condições atuais, torna-se laborioso projetar com nitidez, estratégias e planos futuros. Diante destas incertezas, Calabre (2020) argumenta que:

O Brasil tem recebido fortes críticas de organismos nacionais e internacionais pela falta de planejamento e baixo grau de administração da crise da pandemia em todos os setores. Logo, com a cultura não seria diferente. Há um completo (e propositado?) imobilismo no governo federal! Passados mais de sessenta dias de quarentena, não haviam sido pensados ou direcionados recursos para ações emergenciais na cultura. Isso não significa necessariamente dizer que não há recursos, eles existem na pasta da cultura, são de diversas naturezas e poderiam ser acionados para uma ação emergencial (CALABRE. 2020. p. 12-13)

Nota-se que a atualidade brasileira, quando se trata de arte, cultura e/ou educação, vem enfrentando desafios sistemáticos para além do cunho cultural, religioso e comunitário dos lugares. Trata-se de lutas constantes (ainda que invisíveis), contra o obscurantismo e conservadorismo instalado no campo político nos últimos anos.

Essa dificuldade é consequência da estruturação política e econômica de nosso país, onde uma visão etnocêntrica e elitista foi predominantemente exaltada durante séculos de

dominação colonizadora, deixando preconceitos e paradigmas infiltrados na formação social de cidadãos brasileiros, fazendo apologias à superioridade étnico-cultural de outrora.

A título de finalização, pode-se afirmar que a pandemia do Coronavírus, com as subsequentes medidas sanitárias, trouxe ressignificações nas práticas sociais e culturais de todas as pessoas. Quando nos referimos de modo específico às práticas culturais deste presente estudo, notou-se uma constante nostalgia, resgate de memórias em uma forma mais constante e emotiva.

Essas memórias individuais e coletivas, como fruto do processo de interação social dos sujeitos, foram e continuam sendo parâmetros essenciais nesse contexto pandêmico, agindo como instrumento de mediação entre o mundo caótico imposto pelas perdas físicas, emocionais. Nesse sentido, as práticas culturais relacionadas com religião, como é o caso da Dança do Congo e Folia de Reis, podem ser empregadas como base e sustentáculo nos dias difíceis, conforme já mencionado pelos sujeitos entrevistados neste trabalho.

Diante de tudo que foi exposto até aqui, observa-se que as festas de Folia de Reis e da Dança do Congo são práticas culturais com uma dinâmica de reorganização do espaço, em torno de uma divindade. Essa reorganização movimenta não somente o setor cultural e simbólico, mas o turismo, e consequentemente a economia local nos dias festivos, principalmente os hotéis, bares e restaurantes.

Dessa forma, ressaltamos a importância da valorização destas práticas que constituem as identidades culturais, haja vista que, além de fontes condicionantes de fé, podem ser utilizadas como ferramenta de movimentação financeira para comerciantes e trabalhadores autônomos que utilizam destes espaços para ofertarem seus produtos aos participantes do evento. Além disso tudo, delas também advém a tenacidade para perseverar por tempos sinuosos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como objetivo compreender algumas mudanças ocorridas nas manifestações culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo em São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, respectivamente, pela situação pandêmica do coronavírus. Para tanto, utilizou-se do método de observação participante proposto por Alles Bello (2006) e Chizzotti (1995), ressaltando o fenômeno em seu meio inserido, bem como o envolvimento do sujeito-pesquisador como parte integrante do conhecimento.

A pesquisa participativa resultou a construção de vínculos indissociáveis e enriquecimento intelectual que contribuem para a divulgação de práticas culturais tão importantes em nosso Estado, e conseqüentemente no país. A metodologia de observação participativa teve grande importância no processo de percepção e de assimilação das vivências dos sujeitos.

Quanto à Folia de Reis, a observação participante ocorreu durante dois anos (2019-2020), com destaque para o período festivo (novembro a janeiro). Quanto à observação participante na Dança do Congo em 2019, as únicas observações foram feitas no mês de julho de 2019 durante a realização da Festa no município correspondente ao grupo pesquisado. Foram cinco dias de imersão no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, onde ocorreu a participação em missas, ensaios do grupo, reuniões, apresentações culturais, e o acompanhamento das práticas culturais em sua essência.

Esses dias de observação em Vila Bela da Santíssima Trindade não contém a realização de entrevistas, devido ao cronograma que existia no ano de 2019, com a expectativa de novo trabalho de campo para realização das entrevistas em outro momento festivo, após o primeiro contato de observação.

A partir de 2020 tem-se uma ruptura nessa metodologia participativa devido ao contexto da pandemia que estamos vivendo, porém continua-se com o acesso remoto via grupos de *WhatsApp*, chamadas por telefone e outras redes sociais.

Essa resignificação no próprio método de pesquisa também refreou a sequência de realização dos campos, para imersão e observação participante, tendo em vista que essa metodologia se torna elemento primordial para entender as vivências dos sujeitos em comunidades tradicionais como a Folia de Reis e a Dança do Congo. O tempo maior de imersão e contato com essas realidades culminariam em uma percepção mais ampla e meticulosa acerca das práticas e das manifestações culturais.

Nessa parte, destaca-se a unicidade dos lugares, deixando explícito a discrepância na formação dos municípios em questão. Retoma-se então, ao contexto colonial de formação de Vila Bela da Santíssima Trindade, uma vez que dele advém todo o processo formativo de resistência e resignificações de um povo e sua origem. Esse transcurso culmina em uma característica ímpar quando se trata de Congo, pois o lugar preserva a sua africanidade em essência e valor.

Quanto ao município de São José dos Quatro Marcos, as práticas culturais do lugar advêm de um espaço vivido em uma escala de tempo um tanto mais restrito, pois remonta ao período histórico concomitante à Marcha para o Oeste. Apesar de grande parte dos municípios

circunvizinhos terem seu início formativo nesse período, a Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos só se torna mais forte após influências paulistas.

Tais informações são facilmente observadas em rodas de conversa com os foliões mais antigos de São José dos Quatro Marcos, quando se referem à vinda para este lugar, ou à chegada de seus antepassados mais próximos.

Essas influências advêm também de algumas viagens dos próprios munícipes da época, que simpatizaram com tais práticas, e outros sujeitos que chegaram a esse pedaço de chão como migrantes, trazendo a sua bagagem cultural, como é o caso do próprio Embaixador da Companhia do Barreirão, natural do Estado da Bahia.

Ainda sobre os objetivos desta pesquisa, devido ao contexto atual da pandemia do Covid-19, fez-se uma breve contextualização sobre as vivências de alguns sujeitos adeptos dessas práticas culturais. Notou-se a presente rememoração das vivências e ressignificação das representações, por meio da memória cultural.

Reitera-se, assim, que a nova realidade nessas manifestações culturais está em constante ressignificação. A lembrança, a memória, enfim, a formação de uma lembrança cada vez mais viva em relação aos seus grupos de referência, é o que permanece, resiste e persiste.

Por conseguinte, a rememoração constitui-se em uma forma de idealizar uma realidade virtual de suas consciências, que propende a visualizar subjetivamente os seus lugares enquanto base para as relações socioculturais. Agindo dessa forma, a predominância é a vivência dos sujeitos, sua trajetória como memória partilhada em coletividade.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao grupo de Folia de Reis Companhia do Barreirão e a Associação da Dança do Congo pela acolhida em seus respectivos lugares, propiciando a realização do presente trabalho.

*In memoriam* de todos Foliões e Congadeiros que perdemos durante a pandemia do Covid-19 em nosso território brasileiro. Em especial, Fernando do Judô, o eternizado palhaço Faísca (Trindade/GO), D. Lindaura e Sr. Jessy (São José dos Quatro Marcos/MT), Embaixador de Folia Baiana João Batista (Dom Aquino/MT), Sr. Joaquim e Sr. Silvio (Barra do Garças/MT), Ex-Dançante de Congo Sr. Abel (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT), e tantos outras(os) que não conhecemos, mas fizeram parte da história de Estados e municípios brasileiros, quanto à sua formação sociocultural.

## REFERÊNCIAS

ALLES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Baurú-SP. Editora Edusc, 2006 (Coleção Filosofia e Política).

CALABRE, L. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. **Revista Extraprensa**. v. 13 n. 2, p.7-21, 2020.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. In: BORGES; OLIVEIRA (2006) **Cultura, trabalho e memória: faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul**. São Paulo/SP, Brasiliense 1993.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis/SC, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo, Editora Cortez, 1995.

CRUZ, P. D. R. da. **As negras raízes da Cultura Popular Mato-grossense**. São Paulo/SP, Plêiade, 2012.

GRANDO, B. S. **Cultura e Dança em Mato Grosso**. Central de Texto: Cáceres/MT, Editora Unemat, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LOUREIRO, R. **Cultura Mato-Grossense: festas de Santos e outras tradições**. Cuiabá/MT: Editora Entrelinhas, 2006.

PEREIRA, A.R.; TEIXEIRA, M.F. Lugar, casa, bairro: olhares geográficos sobre o Jardim Emília – Minaçu-Goiás-Brasil. In: **Élisée, Rev. Geo**. Anápolis, UEG, v. 4, n. 1, p. 189-212, Jan./jun., 2015.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 2, nº 3, pp. 3-15, 1989.

RABAÇAL, A. F. **As congadas no Brasil**. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. Conselho Estadual de Cultura. São Paulo/SP, 1976.

SILVA, T. R. da. A geograficidade e os saberes tradicionais dos pescadores do lago Guaíba: subsídios para a cogestão das águas do manancial. In: Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. **Anais [...]** Londrina, 2005.

VIEIRA, A. **Sermões de Padre Antônio Vieira**. Erechim, EDELBRA, 1998.